

N^o 13

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 15 DE JULHO DE 1891

NORTE E SUL

(RASCUNHOS PARA UMA PAGINA DE ETHNOGENIA BRAZILEIRA)



ão ha muito agitou-se na imprensa de alem Cabo-frio, a questão de saber-se qual das duas grandes secções do Brazil ha produzido maior copia de bons talentos, o Norte ou o Sul. Enxameáram criticos pelas columnas dos jornaes, para dizer, entre muitas injustiças revoltantes e somente justificaveis pelo acirramento da contenda, entre muitas extravagancias gaiatas, um acervo de verdades que se imposeram limpidas e convincentes ao espirito dos que de longe ouviam calmos o rumor da lucta amortecido pela distancia, sem que sentissem o contagio das paixões que se encadeciam. Envolvendo a todas essas verdades, ergua-se uma de alto interesse, que não devemos deixar afundir-se, com a maré vasante, na quietude tumular dos themes abandonados. E é: as tendencias litterarias ao Sul e ao Norte não são exactamente as mesmas, nem a indole dos escriptores das duas regiões é identica. Nota-se alguma cousa de differente na emocionalidade, no modo de escrever, na escolha dos assumptos, na predilecção por certos mestres e certas escholas.

Esta differenciação que vae se accentuando dia a dia, apezar da accão absorvente do Rio de Janeiro, mais energica ainda depois da Republica, ja havia impressionado á perspicacia de Franklin Tavora. Eu mesmo escrevia em 1889: "Estou convencido de que nosso paiz é bastante vasto para ter em sua litteratura uma cor fixa e sem

nuanças. Cada região em que diversificar o clima e a mestiçagem, a raça e o meio, poderá crear uma forma divergente de conceber, de poetar, de fazer litteratura, tendo aliás um fundo commum por onde todos se hão de assimilar, porque certos elementos constitutivos do povo, em toda a extensão do paiz, são os mesmos" (1).

A discussão litteraria a que alludi no começo deste escripto veio confirmar estas idéas, mostrando claramente que, apezar das diferenças existentes nas producções dos nucleos litterarios do Norte, ha em todas ellas caracteres que as fazem classificar em um grupo distincto das que sahem dos centros sulistas.

Hoje, que as animosidades se acalmáram, procuremos conhecer as causas deste facto, indaguemos si elles são de natureza transitoria, se são de origem recente ou si, por ventura, têm um caracter permanente e se prendem, por elos, que se foram avolumando com o correr dos tempos, ás condições mesmas que presidiram a formação e desenvolvimento de nossa nacionalidade. Nesta ultima hypothese está, segundo penso a, verdade, como tentarei demonstral-o, sem, por hoje, me deter longamente na exposição de minhas razões.

A composição primaria do brazileiro se operou, ao Norte ao Sul, com os mesmos elementos, porem, desde os primeiros tempos, nota-se que ao Norte, principalmente em Pernambuco, os colonos se entregam de preferencia á cultura do solo, em quanto ao Sul, cedo (2) se vão deixando quasi todos arrastar pela visão do ouro soterrado nas entranhas da terra, se entregam á vida aventurosa de garimpeiros, esgotam as energias em afadigosas expedições pelos ermos sertões do interior que revolvem corajosos e pertinazes. Desse desvio originario na applicação das actividades produzido pela natureza dos terrenos deviam nascer e realmente nasceram modificações diversas no caracter e no viver dos dois grupos, tanto mais facilmente quanto o clima as vinha accelerar.

Ao Norte, a vida agricola começou a radicar o homem ao solo, a tornal-o affeiçoadão á terra que o nutria e fez, surgir, em breve, o sentimento de uma patria americana, como o revelou, de modo brilhante a expulsão dos batavos. Só mais tarde é que o mesmo sentimento se mostrava avigorado ao Sul com essa malograda conjura-

(1) *Epochas e individualidades*, Recife, 1889, p. 69.

(2) Ja em Janeiro de 1608, o governo portuguez sentia necessidade de nomear officiaes para as minas de S. Vicente, E. Santo e Rio de Janeiro, Começa a auricidia.

ção mineira a que o romantismo patrio emprestou uns tons estranhos de epopeia sentimental.

Depois circunstancias diversas ainda vieram auxiliar essa divergencia de caracteres iniciada pela forma indicada, entre as quaes avulta a forte corrente immigratoria que ultimamente se despeja sobre quasi todos os estados do Sul.

A febre das especulações arrasta desordenadamente uma immigração cosmopolita e sem escolha que ameaça dissolver, no Sul, a patria brazileira, ao passo que, felizmente estão, até hoje isemptos os estados do Norte, dessa invasão perniciosa por ser mal orientada e descommedida. Essa immigração vem produzir um accrescimo na fortuna publica trazendo braços para a cultura de nossas terras hispidadas de rochas e florestas inaproveitadas, dirão. Acho problematica esta necessidade de braços recrutados por todos os meios e só vejo uma immigração acceitavel e nobre que é a espontanea, a que vem com habitos de trabalho e tem um futuro diante de si.

Mas passarei sem discussão sobre esse ponto, assim como não farei arma da baixa do nível moral que traz essa immigração tumultuaria (3), para perguntar somente: — de que vale essa opulencia real ou ficticia, si para obter-a é mister sacrificar ou, pelo menos, perturbar indefinidamente a consolidação da nacionalidade brazileira pelo avigoramento da idéa e do sentimento de patria?

Sem duvida que nosso clima, que a natureza brazilica são factores poderosos para a adaptação transformadora das raças que aqui gorgolham atravez do Atlantico. Porem, para que essa transformação seja uma progressão tendendo a um objectivo elevado e não um fraccionamento continuo e um intermino recomeçar de formações ethnicas, indispensavel se torna que a esses factores physicos se aliiem outros sociaes e psychicos (como a identidade de lingua, de interesses, de costumes, de tradições, de historia) que vão unificando e consolidando a massa da população, que vão fazendo sahir desses simples aggregados sociogenicos, dessa sociedade em via de formação, um verdadeiro organismo que vibre ao choque de aspirações e sentimentos communs aos diversos seres e grupos de seres que o constituem. E eu receio que se annullem as energias desses facto-

(3) E' um facto averiguado que, em todos os paizes, a criminalidade dos estrangeiros immigrados é mais forte que a dos nacionaes, principalmente quando a immigração é feita pelo nosso systema. Vide *Joly-la France criminelle* p. 58 e segs.

res á força de se lhes contrariar o regular funcionamento e que sossobrem esse torvelinho a consciencia de nossa nacionalidade.

Felizmente as condições climatericas dos Estados do Norte e a pobreza de alguns, acompanhada de um accrescimo relativo de população indigena, os têm afastado deste contagio, que uma vez por outra, ainda assim, lhes vem fazer gaifonas (4). Ahi, pois, se vae refugiando o relicario de nossas tradições; e deste laboratorio emergirá o verdadeiro typo ethnico do brasileiro, como resultado da fusão das raças postas aqui em fecundo contacto, si alguma circunstancia não sustar essa *deconfiture* de que está ameaçado o povo brasileiro ao Sul.

Abramos as portas de nossa nacionalidade a todos que nellas vierem aportar, mas não perturbemos irreflectidamente a evolução natural do povo.

E' um facto tam visivel e de consequencias tam latas este que aponto, que julgo poder assegurar: Continuem as cousas como vão por mais alguns annos e teremos a desagregação do Sul, onde se irá elaborar a constituição de um grupo ethnico diverso e tendo apenas de commum comnosco uma porção de sua historia.

A poderosa accção do Rio de Janeiro, para onde convergem as mais valentes actividades de todos os pontos do Brazil, accção que consiste em dar a todos os brasileiros um forte laço de unificação e em amortecer os principios de differenciação que para esse grande centro levam os provincianos, deixem passar o termo, a poderosa accção do Rio de Janeiro, como capital, dizia, ha de retardar de alguma forma esse desastroso resultado, mas elle afinal ha de vir, si uma orientação melhor não nos levar por outro caminho.

Mas não sou pessimista. Acredito que este desregramento ha de ter um paradeiro e que este excesso de assimilação de elementos estranhos por parte do povo brasileiro venha afinal somente accentuar, com força maior, a diferença que ha entre brasileiro nortista e brasileiro sulista, sem quebrar os vinculos que os prendem á mesma patria. Passada a crise, ver-se-á, melhor do que hoje, que a indole do povo brasileiro ao Norte differe da indole do mesmo povo ao Sul, e que é por isso que a nossa litteratura offerece as duas feições que lhe têm reconhecido alguns criticos da actualidade. E ver-se á

(4) Sei que se projecta colonisar o Norte com *declassés* de diversos paizes. Mas acredito que a exosmose se effectuará necessariamente, em vista de nosso meio e de nosso clima, de modo que só assimilaremos uma quantidade de imigrantes tal que não possa perturbar a marcha de nossa evolução ethnica.

tambem, melhor do que hoje, que a litteratura nortista apresenta um mais accentuado cunho de brazileirismo, porque o contingente ethnico indigena aqui foi relativamente maior do que ao Sul onde o elemento alienigena preponderou desproporcionalmente pela accão constante das immigrações ; e porque aqui foi possivel ultimar mais cedo a constituição de um typo definitivo do brazileiro, ao passo que ali esse typo vacillou por muito tempo, ameaçando desapparecer sob a onda do cosmopolitismo que o cobriu.

A accão da immigração, porem, não ha sido somente perturbadora da vida moral e da vida nacional de nosso povo, devo dizer-o com franqueza. E eu sou somente adversario da immigração tumultuaria, desregrada, colhida na vasa de onde brotam os criminosos de todo genero. E' contra essa que meus sentimentos de brazileiro se revoltam. A outra, a immigração espontanea e escolhida, que se obtem naturalmente, sem seduções e enganos, mas com a simples propaganda de nossos recursos naturaes e as facilitações de meios, essa tem produzido e poderá produzir ainda bons resultados, porque faz do Brazil sua nova patria a quem dedica a actividade e affectos. A ella devem alguns estados do Sul certo brilho em sua cultura litteraria e artistica, certa habilidade para os escriptos leves, para o verso, para o folhetim, certa agitação e luxo na vida urbana, segundo a moda das grandes cidades européas, as que só podemos oppor mais nacionalismo em nossas producções artisticas e o recolhimento cheio de alegrias serenas de nossa vida em familia. Ali os litteratos, são mais bohemios; aqui encáram a vida litteraria por um prisma um tanto menos romantico, como uma fonte de gozos intellectuaes, que não os inhibe de viver e trabalhar como as outras classes sociaes. O Norte é mais pobre, mais moroso em seu desenvolvimento industrial, mas não sendo estranho ao que de melhor produz a Europa, na sciencia e nas letras, sabe mostrar-se mais brazileiro.

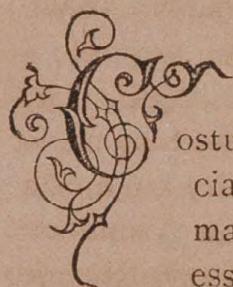
Poderão oppor ao que fica affirmado o caso do Rio de Janeiro, onde ao lado de homens que estudam os mais escabrosos problemas da sciencia, vê-se o grupo dos cultores fanaticos das formas, dos artistas mais delicados, onde se cultiva com amor a lingua brazileira, tanto em seu elemento plastico, quanto em sua face intima e scientifica, e, com a lingua, todos os factos historicos, ethnologicos, litterarios que constituem a accão do brazileiro como povo. Mas ahi se congraçam, se aperfeiçoam, se transformam, quando não se suffocam, as qualidades proprias aos homens do Sul e aos homens do Norte ; ahi é poderosa a accão do extrangeirismo, porem a lucta

avigorando as boas qualidades nativas, elles afinal sobem á tona e se revelam poderosas. Não é Norte nem Sul; é o centro, é a capital.

Minha these, em conclusão, não é afirmar onde ha maior copia de talentos, mas asseverar que esses talentos produzem obras de carácter distinto, havendo maior proccupação plastica ao Sul, devida naturalmente ao elemento europeu, e ao Norte, onde a acção do estrangeiro só se faz sentir pelos livros, mais accentuado nativismo.⁽⁵⁾ O Rio não servirá de argumento contra ella, porque está fora della, mas poderá confirmal-a principalmente si examinarmos a indole de cada escriptor em relação a sua origem.

CLOVIS BEVILAQUA.

IDEIAS INTRODUCTORIAS AO ESTUDO DA HISTORIA (*)



ostuma-se dar o nome de — historia universal — á scien-
cia que se propõe estudar a marcha ascensional da hu-
manidade desde o começo do seu desenvolvimento; mas
esse epitheto é incabivel. Uma historia universal é, em
rigor, uma historia do universo; — e uma historia do universo, ainda
limitada ao nosso mundo, seria aquella que estudasse todos os phe-
nómenos da naturesa, desde o seu primeiro momento até o presente.
Comprehende se de prompto que esse conhecimento está á cima das
forças humanas.

Não é menos inexacta a expressão de — historia da humani-
dade —, que é tambem usual. A humanidade considerada como um
todo, isto é, a especie humana, considerada em sua totalidade, não
tem ainda uma historia, e bem pode-se affirmar que nunca tê-la-ha.

(5) Na evolução da cultura philosophica e scientista do Brazil, se notam egualmente caracteristicos divergentes ao Norte e ao Sul. Mas isto será assunto para outro artigo.

(*) Trabalho inedito, de Tobias Barreto, e offerecido por Arthur Orlando à Revista.

Até hoje, — e talvez que em todos os tempos, — a palavra — humnidade, — designa apenas uma ideia geral da especie humana á somma que nós formamos, por commodidade da linguagem, de todos os individuos dessa mesma especie ; mas é certo que á essa ideia geral não corresponde uma realidade, individual ou collectiva, que tenha uma historia. Expliquemo-nos melhor: — o que se chama humanidade, é o conjunto de todos os povos, civilisados ou não, distribuidos pela terra; — uma historia da humanidade seria, pois, a historia de todos esses povos. Ora, isto é irrealisavel. Paizes ainda existem, e até partes do mundo, — por exemplo, a Africa, — cujos habitantes são quasi de todo desconhecidos, que não entraram na corrente historica dos povos civilisados. E com que direito poder-se-hia então dar o nome de — historia da humanidade — a historia somente de uma parte, mesmo da maior parte do genero humano, ficando fóra uma bôa porção ?

D'aqui resulta que o verdadeiro nome da sciencia, que nos ocupa, é o de historia da civilisação, ou historia das nações, ou simplesmente — historia —, podendo-se addicionar á esta palavra o epitheto de — geral,— como fazem alguns autores, no intuito de distinguir a historia das nações da historia desta ou daquella nação em particular.

Se a historia, como acabámos de ver, não tem por objecto a humanide, ella não tem igualmente por objecto o — homem —. Como individuo, como capaz de constituir uma familia, até mesmo de constituir a tribu, que é uma reuniao de familias, o homem é objecto da — historia natural, que se occupa do desenvolvimento dos reinos da naturesa, dos seres organicos e inorganicos, pedras, plantas e animaes. Em quanto membro da familia ou da tribu, o homem não se distingue de outros animaes, que tambem têm familia, que tambem constituem tribu, por exemplo, o macaco etc.

O homem começa á ter um caracter á parte, á distinguir-se completamente dos outros animaes, no momento em que elle associa-se, organisa-se e forma o que se chama — um Estado, — uma nação — A historia propriamente dita principia, pois, naquelle ponto em que a especie humana, conforme as influencias do clima, ou outras quaesquer, entrou á separar-se em grupos distinctos, e estes grupos á formar nações, Estados. Ou tenha isto se dado, á uns cinco ou seis mil annos, segundo a descripção da Biblia, ou á centenas e centenas de annos, conforme os dados da sciencia moderna, o certo é que a historia começa com a formação dos primeiros Estados,

E' bem sabido o que refere a Biblia á respeito da creaçao do homem, sua vida no paraiso etc., etc. Mas, quer seja esta a verdadeira origem do ser humano, quer seja a que é ensinada pela sciencia, isto é, que o homem descende de uma especie inferior, — orangotang, gorilla, ou chimpanzé, o que deve ficar fóra de duvida, é que a historia propriamente dita, a historia geral, ou historia das nações, tem o seu ponto de partida no momento em que os povos se constituiram em Estados, — imperios e reinos — O que antes desse momento aconteceu, pertence mais á historia natural do homem, como especie animal, do que como genero humano, capaz de civilisar-se e engrandecer-se. Assim, por exemplo, dado mesmo que a historia de Adão e Eva, de que trata o principio da Biblia, seja verdadeira, não é mais do que um pedaço de historia natural.

Fique por tanto assentado que a historia geral occupa o meio termo entre a historia da humanidade, que não existe, e a historia do homem, que faz parte da historia natural.

TOBIAS BARRETTO.

FIM DE JORNADA



Bem. Eu descanko aqui. Tiro as sandalias. Jogo
O meu bordão a relva e reflecto. E' de fogo
O poente — o travesseiro onde o sol vae deitando
A cabeça sangrenta. O ar está cantando.
Vim subindo, subindo anciosamente a escarpa.
Desejava galgar esta eminencia. A farpa
Da ambição me ferroava o peito pela estrada.
Eu queria subir, ascender a inflammada
Culminaçao do monte em que moram as pompas
Da luz, do céo, do azul; queria ouvir as trompas

Da floresta vibrando ao sopro cru dos ventos
Nesta vertiginosa altura, aos luzimentos
Do astro que morre alem, como um heróe ferido,
Rubro, soberbo, nu, phantastico, incendido !

Cheguei. Quero estender o olhar pelo caminho
Andado. Eil-o: é tão longe e teve tanto espinho
Que eu não sei comó pude effectuar a viagem.
Esta cota de malha alvissima — a Coragem,
O escudo — Enthusiasmo, a lança — Inspiração,
Esta vizeira — a Idéa, este punhal — Câncão ;
O estojo azul do verso, a armadura da Prosa,
As hallucinações do Ideal, a gloriosa
Febre da propaganda, o odio ao Erro, o amor
A' humanidade, a Sciencia — a arvore sempre em flor ;
— Tudo eu joguei, lancei por essa estrada fóra,
Como um joven nababo esturdio que não chora
Os milhões, o ouro em pó, as fulvas pedrarias,
Alfaias e coraes, perlas, tapeçarias....

* * *

Vou repousar agora. Esta eminencia tem
Astros, fulgurações, seiva, perfumes. Vem
Medroso, abrindo a asa, este passaro — a noite.

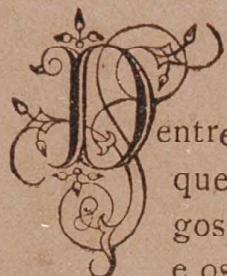
E eu quero procurar um canto onde me açoite,
Entre as vegetações cheias de insectos mansos,
Sobre o chão, sob o céo, aos dourados avanços
Do luar que ali surge, e que espiando mudo !
Por detraz do alcantil, magnetisa tudo !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

PERFIS

Dr. JOSÉ HYGINO

(Continuação do n. 11)



Entre as mais importantes questões da psychologia ha uma que tem attrahido especialmente a attenção dos sociologos; refiro-me ao interminavel debate entre os partidarios e os adversarios da liberdade humana.

Para os sociologos a liberdade é uma illusão, desde que todos os factos humanos são regidos por leis. D'ahi a necessidade de um determinismo para a vontade como para qualquer phenomeno physico, pretendendo-se explicar todas as acções do homem pelo principio da causalidade.

Mas os sociologos não vão ccm a experientia, quando pretendem submeter a vontade á causalidade universal.

A vontade tem permanecido até hoje “ como um ponto negro na brilhante cadeia das causas e effeitos.”

Interrogada a experientia, ella não nos diz senão uma causa : é que existe um factor pessoal, causa *immediata* das nossas acções, das quaes os motivos não são senão *causas mediatas*.

Os adversarios do determinismo social não contestam que os actos humanos sejam *motivados*, negam simplesmente que a *motivação* possa confundir-se com a *causalidade*.

Entre *causa* e *motivo* ha grande diferença : a *causa* é cega e fatal; o *motivo* é finalistico e consciente.

“ Quando se diz, escreve Wundt, que o caracter do homem é um producto do ar e da luz, da educação e das circumstancias, do nutrimento e do clima, que é predeterminado necessariamente por estas influencias como todo phenomeno natural, tira-se uma conclusão completamente indemonstrável. A educação e o destino implicam já um caracter que os determina : toma-se por effeito o que em parte já é causa.”

Entretanto para os sociologos, o determinismo é questão de vida e de morte, e na impossibilidade de conciliar a liberdade com a sociologia concluem por negar a primeira, pensando deste modo resolver a difficultade.

Uma outra difficultade, com que luttam os sociologos é a ap-

parição dos grandes homens, dificuldade que procuram remover com a theoria da evolução, affirmando que o genio não é senão o producto das condições inherentes ás gerações anteriores.

Não sou d'aquellos que sustentam que para comprehendender a marcha da civilisação basta lêr a historia dos grandes homens ; mas tambem não pertenço ao numero dos que entendem que os genios são unicamente um producto da raça, do meio e do momento historico.

Coloco-me em um ponto de vista superior, em que nem se nega a importancia das revoluções operadas pelos grandes homens, nem se negligencia a importancia das forças sociaes accumuladas no passado.

Se é certo que não poder-se-ia comprehendender Shakspeare sem as experiencias accumuladas de um passado longiquo, que vieram enriquecer o seu espirito, e sem esta linguagem, em que milhares de gerações trabalharam para desenvolver ; se não comprehendender-se-ia Watt com todo o seu genio de invenção vivendo em uma tribo de selvagens, que desconhecesse o ferro, tambem não se pôde considerar esses espiritos superiores como uma simples resultante de condições ethnicas e historicas.

A apparição do genio suppõe necessariamente certas condições sociaes; mas nem por isso pôde dizer-se que seja uma resultante das forças que agiram no passado, porque o que caracterisa o genio é esse quer que seja de proprio, de exclusivo, de pessoal, que não pode ser attribuido a um trabalho collectivo.

Por mais que soffra o amor proprio é preciso reconhecer que ha uma grande distancia entre os homens de genio, contemporaneos dos séculos futuros, e os simples mortaes, condemnados a uma longa e paciente investigação.

Entre os primeiros e os segundos, diz Maudsley, ha a mesma diferença que entre a borboleta, que vôa e suga o nectar das flores, e a lagarta que roja-se por terra e alimenta-se de hervas.

O Dr. José Hygino não se satisfaz como outros, com a affirmation da existencia de uma sciencia social, procura determinar a natureza e o methodo dessa sciencia, tarefa que julga facil seguindo o caminho indicado por A. Comte, isto é, "a tão simples quanto importante divisão" da *statica* e da *dynamica*."

Entretanto, na opinião de Roberty, apesar de variados e sucessivos esforços não se conseguiu constituir definitivamente, nem mesmo esboçar de uma maneira geral e independente uma statica

um pouco independente da dynamica. Nos melhores ensaios de analyse sociologica, e apesar da bôa vontade dos investigadores, esses doux pontos de vista, theoricamente tão distinctos, são continuadamente confundidos. Nenhuma nova luz brotou desta distincção tão simples; nenhuma lei fundamental foi achada por meio desse processo analytico".

Wirouboff accressenta: "A divisão é, com effeito, muito vaga, muito geral — applica-se a quasi todas as cathegorias de phenomenos—para chegar um resultado pratico qualquer; é subjectivamente verdadeira, mas objectivamente esteril".

O evolucionismo é a theoria da transformação e melhoramento dos seres em geral ; o darwinismo a doutrina da apparição e desenvolvimento dos seres vivos por uma série de metamorphoses, cujas principaes causas são a lucta pela existencia, a selecção natural, a influencia dos meios, a acção da hereditariedade, etc.

O evolucionismo, como hypothese philosophica, não é incompativel com um plano preconcebido, com um principio de finalidade, com uma acção sobrenatural no desenvolvimento do universo; o darwinismo, porém, como hypothese scientifica, exclue toda ideia de intervenção teleologica e explica a origem das especies por causas puramente mechanicas.

Mas não é raro vêr confundir-se uma hypothese com outra, e o illustre professor, sem fazer a necessaria distincção, passa a tratar do homem prehistoricó sem dizer uma palavra sobre o ser primordial, que servio de elo entre a especie humana e os outros animaes.

E' verdade que conhecemos o homem primitivo, parecendo bem ousada Clemence Royer, que pretende traçar-lhe o retrato, (1); mas para ser consequente, quem está convencido de que o darwinismo é uma verdade scientifica, confirmada pelos factos, tem necessidade de considerar a origem do homem, como a de todas as outras especies vivas, sob o ponto de vista transformista e de levar as suas investigações paleoethnologicas além da idade da pedra lascada, que já testemunha uma certa civilisação, a que o homem primitivo não

(1) " Il est certain diz Mlle. Clemence Royer, qui l'homme primitif était très dolichocéphale, très prognathe. Il avait des cheveux laineux, une peau noire ou brune. Son corps était revêtu de poils plus abondants que chez aucune race humaine actuelle. Ses bras étaient relativement plus longs et plus robustes; ses jambes, au contraire, plus courtes et plus minces, sans mollets; la station n'était chez lui qu'à demi-verticale et les genoux étaient fortement fléchis."

pôde chegar senão á custa de longas experiencias e de peniveis esforços.

Se os archeologos dividem os tempos prehistoriccos em idade da pedra lascada, idade da pedra polida, idade do bronze e idade do ferro e consideram a idade da pedra lascada como a mais antiga da prehistoria, é por ser a ultima, de que encontram-se vestigios humanos e não porque tenham o homem primitivo como coetaneo da pedra lascada.

O machado e outros instrumentos de pedra lascada provam incontestavelmente a existencia do homem no terreno, em que foram achados, mas nem por isso este pôde ser considerado o berço geologico da humanidade.

Foi pelo primeiro ramo arrancado á arvore para servir de arma de defesa ou de ataque que debutou a civilisação.

Já Lucrecio dizia :

“ Arma antiqua, manus unguis dentesque fuerunt,
“ Et lapides et item sylvarum fragmina rami.”

Assim em vez de uma idade da pedra se deveria antes fallar em uma “idade da floresta” para marcar a epocha em que o homem lançando mão do mais simples instrumento, que se pôde imaginar, o ramo de arvore, affirmou a sua superioridade intellectual sobre todos os animaes que o cercavam (2)

Tractando da questão da evolução mental e emocional do homem, eu disse na introducção das *Questões Vigentes* que “hoje que já se possúe uma historia da vida sideral — *Astronomia*, uma historia da vida universal — *Geologia*, uma historia da vida vegetal — *Botanica*, uma historia da vida animal — *Zoologia*, uma historia da vida humana — *Anthropologia* lançando esta ultima os mais vivos clarões sobre as differentes causas, que têm modificado e aperfeiçoad o systema nervoso do homem, sobre os diversos elementos constitutivos da cultura psychica em toda a superficie do globo, seria ridiculo indagar-se se tem havido um desenvolvimento da intelligencia e da sensibilidade.

(2) G. Le Bon diz á pag. 228 vol. 1. de *L'homme et les Sociétés*: La plus ancienne époque dont nous ayons des vestiges est celle de la pierre taillée, et c'est pour cela que nous la faisons figurer, comme le font, du reste, tous les auteurs, en tête du tableau qui précéde. Mais il est bien evident qu'avant l'époque où l'homme se livra au travail difficile de tailler des pierres aussi résistantes que le silex pour en faire des armes, il dut s'écouler une période fort longue pendant laquelle comme le dit Lucrece ses seules armes furent ses ongles, ses dents des branches d'arbre et les cailloux qu'il ramassait sur son chemin.”

"A questão, porém, muda de face para tornar-se insolúvel, quando se pretende saber como operou-se a evolução das ideias e dos sentimentos.

"Se ainda hoje está por acabar se a historia *morphogenica* e *morphophyllica* dos seres vivos, de maneira que ainda não pôde explicar-se como de um organismo amorpho sahio por evoluções continuas a belleza plastica da mulher; se é terreno ainda menos explorado a *physiogenia* bem como a *physiophilia*, de tal sorte que seria impossível explicar como dos movimentos monotonos dos animaes inferiores proveio a graça feminina com todos os seus encantos e seduções, seria loucura fazer *psychogenia* e *psychophylia* explicando como se tem operado a evolução mental e emocional no homem.

"Mais proveitoso seria investigar se tem havido uma evolução *volicional*, se a cadeia dos *para que* tem progredido na serie dos *por que*, se no homem as causas finaes têm adquerido preponderancia sobre as *causas efficientes*.

"Ainda mais complicar seria o enigma se se pretendesse levantar o veu, que oculta o futuro para determinar-se até onde augmentará o poder do homem sobre a natureza, até onde se melhorará o seu destino, que ideias e sentimentos prevalecerão nas gerações vindouras, em que sentido deve ser dirigida a marcha da humanidade para o seu destino quasi divino, quaes os elementos de civilisação que subsistirão e quaes os que desaparecerão. São questões interessantes mas insolúveis.

"O que será o mundo, pergunta Renan, quando um milhão de vezes se tiver reproduzido o que se tem passado desde 1763, quando a chimica em lugar de oitenta annos, tiver cem milhões? Toda tentativa para imaginar um semelhante futuro seria ridicula e esteril.

"O que ha de menos ridiculamente esteril n'este assumpto é indagar se a ideia e o sentimento têm marchado parallelas e synchronicamente, se existe *homochronismo* entre o desenvolvimento mental e emocional do homem. Os factos são pelo *anachronismo* sentimental: enquanto muita ideia tem se afagado do ceu do pensamento, as primeiras emoções do homem continuam a scintillar-lhe n'alma."

Limitar-me-ia ao que fica transcripto se n'um dos seus trabalhos o Dr. José Hygino não ligasse particular importancia ao *associanismo systema psychologico*, a respeito do qual sinto necessidade de fazer algumas considerações.

ARTHUR ORLANDO.

(Continua)

VARIOS

(1882 á 1884)

I - OS BOIS



ou de edade á edade e transformou-se
em costume profano o sacrificio,
do touro no antiquissimo suppicio
a ceremonia usada aniquilou-se.

Na vespera de Festa em toda parte,
sem os vetustos modos e os adornos,
ajoujam-no ao moirão e toda a arte
consiste em derrubal-o pelos cornos.

Ficam porem em pleno matadoiro
da esquartejada victima da moda
postas de coalho, as córneas e o coiro

e a vista então do rebotalho quente,
ventas ao chão, urram em pranto á roda
os outros bois desconsoladamente.

II - NAUFRAGO

E' noite de cerração !
A tempestade se agita,
o revôlto mar palpita,
ribomba o rouco tufão.

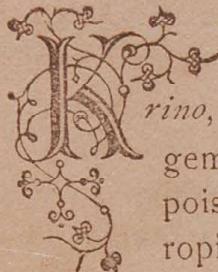
Incauto barco veleiro
entra no pleito selvagem ;
despedaçou a voragem
barco e vela... e o marinheiro ?

N'aquelle horrivel luctar
despedaçando-se o barco
o bravo foi ter ao mar

e de manhan muito cêdo
ao longe se o distinguia
preso do mar n'um rochedo.

FERNANDO DE CASTRO.

CHRONICA



rino, vocabulo grego, significa CRITICA, e d'ahi talvez a origem de CHRONICA, narração critica, circumstanciada. E' pois n'este cyclo que a penna do chronista tem de escorropichar de quinze em quinze dias os acontecimentos mais notaveis do microcosmo das letras. Entenda-se bem: a nossa chronica não fará o seu apanhado nas pedanterias quichotescas dos vadios de collarinho á *pinaud*, nas banalidades dos criticos de botequins, no puñch da magra jornalistica cá da terra, afeita a thesoura de apara. Não ! Ao envez disto, tomará sempre por base os grandes successos. Exemplos :

SILVA JARDIM. — O intemerato propagandista da idéa republicana é morto ! Morto materialmente entenda-se, porque começa a viver em cada memoria ! Raro se sobe tão arrojadamente ao infinito celestial da memoria das nações. A historia da peninsula inteira, a historia miraculosa da Roma dos antigos, não conta um facto maior do que este em que de envolta com o fumo e o pó da cratera esguedelhada do Vesuvio, desappareceu o grande luctador ! Se fosse possivel acreditar na força do destino ahi teríamos a explicação da morte material de Silva Jardim, e da sua vida agora eternamente apar da historia d'aquelle vulcão. O immaculado Silvinha, como nós os moços lhe chamavamos, era nos ultimos tempos um fermento... Fazia-lhe odio convulsivo, odio terrivel o leilão em que pôzeram a patria brazileira a meia duzia de sebastianistas que pelo ardil do compadrio indecente poderam galgar as eminencias do poder. Silva Jardim era um odio, e como odio, não podia ser tragado senão por um odio maior, senão pela incandescencia de um vulcão, que cospe raiva e fel das miserias mundanas pelo escalavrado de sua cratera eternamente malfaseja ! O Vesuvio que tragou Plinio, que destruiu Pompéa, Herculana e Stabia tragou tambem o grande martyr da idea republicana brazileira. Fazia-lhe mal o leilão da patria e por isso ausentou-se da Patria, exilou-se voluntariamente, para não testemunhar ocularmente o desmoronamento d'esse edificio que se procurou construir nos alicerces de sua propaganda benefica e feliz de sul a norte do ex-Imperio, sem nunca temer as sanhas dos apani-

guados da camarilha que movia as mashorcas insultuosas aos brios e a dignidade de um povo precoemente empedernido dos sentimentos do valor e do heroismo. E se tanto conseguiu o heróe é porque jamais temeo a morte confiado no seu escudo — a coragem, na cota de malha — a vontade e n'esta couraça — o civismo ! Ainda estão palpitantes de actualidade aquelles acontecimentos que foram outros tantos triumphos para Silva Jardim — a lucta da *guarda negra*, pobres inconscientes que ignoradamente prestavam-se a uma ingratidão para com o homem que acabava de dar seu esforço pelo emancipacionismo ! Pobres inconscientes, ignoradamente aviltados de sentimentos máos, que o irmão branco lhes tiraram ! Depois quando o *throno* mandava em propaganda monarchica "o principe aventureiro e fatal", todos nós vimos o seu desassombro acompanhando-o as regiões do norte, affrontando todos os perigos, desde o tropel da massa inconsciente até a chufa grotesca dos *prometidos* Senadores ! Cada malha porém a que procuravam jungir o seu talento, era um novo triumpho que surgia ! A sua palavra facil, fluente, animadora, agradavel e convincente ia conquistando, ia convertendo, para os arraiaes da *causa commun* os mahometanos que lhe apedrejavam momentos antes. Ah ! *elle* pregava o bem; *elle* pregava a verdade; tinha de vencer forçosamente. E venceo ! Como o patriarcha, como Benjamin Constant, vio o esforço de sua obra. Ambos porém infelizes, ou melhor, ambos felizes, porque se é verdade que os *mortos governam os vivos* na phrase do pontifice do positivismo, elles, na memoria de cada um, representam o modelo da honra, do caracter, da probidade, do immaculado, do forte, do heróe, da vontade e do civismo !

* * *

O 14 DE JULHO.— E' sempre emocionado grandemente por todo o sentimento de minha admiração pela grandeza da idéa gigantesca do povo francez, que falo da grande data que conquistou soberanamente os *direitos do homem*. Esta grande obra collaborada por todos os philosophos do seculo 17 e continuada no seculo 18 até a sua realisão, architectada paciente e conscientemente por uma geração afeita ao sofrimento, á oppressão e ao *kinot* da realeza, se me afigura a mim como o maior facto da humanidade, como o maior feito de um povo que lançou as largas bases de uma democracia imortal. Este facto que mereceo de Comte o titulo de *grande crise occidental*, ainda está palpitar de actualidade e como o maior relevo

nas limpidas paginas da Historia, isolado completamente tal é a enor-midade que o circunvolve, apar os nomes relembrados de Rousseau, Voltaire, Diderot, Demoulins, Danton, Mirabeau, e tantos outros vultos sagrados. O 14 de Julho por fim, me arrebata, me orgulta, me electrisa, com o mesmo choque com que as vibrantes notas da *Marselheza* de Rouget de Lisle, transpõe ao aguerrismo o espirito de qualquer francez patriota. *Te saluta* pois 14 de Julho immorredoiro! Somente a Colonia Franceza residente aqui, sentiu ardor pela data da emancipaçao da humanidade ! Triste lamentação ! O indiffe-rentismo que á muito anda pela alma do povo, como corvo sombrio a roubar o entusiasmo de seus brios, não deixou transparecer sequer o menor extravasamento de contentamento pelas fibrinas emocionaes do seu coração já pouco palpitante pelas causas grandes, pelas cau-sas heroicas ! Tristissima demonstraçao ! Aviltação tristissima !

UMA VISITA AO MIKADO. — Fui visitar o Mikado. Para isso não precizei ir ao Japão, ir a Tokin, a sua actual capital. Não. Fui ao *Mikado* muito commodamente e passei revista nos productos d'arte do povo japonez. O *Mikado* não é a colmeia do povo na febre constante das manufacturas, mas é, incontestavelmente, o producto d'essa colmeia, a elaboraçao do trabalho do genio artistico do ja-ponez. Fui ao *Mikado*... quero dizer, fui a exposição de objectos japonezes feita pelo Fonseca, á rua do Marquez de Olinda n. 24. Avaliem que tudo quanto se pode imaginar de exquisito no genero bambú, ali está artisticamente trabalhado. Cestinhos de *arima*, ben-galas esculpturadas grotescamente, ventarolas, leques, sobre marfim esmaltado, sobre xarão; objectos de bronze (esmalte sobre bronze) a que se chama propriamente *cloissonne*, esmaltado, em alto relevo, re-presentando um *koro*, a ave predilecta dos japonezes, sobre o bronze de Bekko; tympano de antimonio, gravado a mão, e muitos outros objectos n'este genero como riquissimos alfinetes de gravata, repre-sentando exquisites; espelhos de metal polido, em supports de lacca; placas em *Imari*; tapetes finissimos e raros; armadura feudal, de bronze, e espadas de todos os tamanhos e feitios. Avaliem mais os leitores que o Fonseca teve a exquesitice de expor uns magnifi-cos biombos de seda e retroz, do que pode haver de mais excentrico e de mais bem trabalhado, com bordaduras á relevo, com paysagens representando usos e costumes dos filhos carissimos dos mares orientais.

taes. Segue-se a isto lindas pinturas, quadros, em molduras toscas de bambús e xarão, trabalho fino do pincel aprimorado dos irmãos dos chinezes; a verdadeira pintura de Kai, que tem feito grande sucesso no mundo européo por sua excentricidade e belleza. As primorosas conchas de madreperola do mar Amarelo, ennastradas em objectos de lacca do que se pode pensar de mais garrido; trabalhos de camphora natural e laccarada, de *tukins, kato e sato*. E' um mundo de especiarias o *Mikado*! Em louça é o que ha de melhor conhecido no mundo! Ahi podem os collecionadores fazer a melhor digressão porque acharão de certo com que saciar toda a sua cobiça de possuir raridades. Tem louça de *Banko*; vasos rarissimos de *morikim, faisán, tokonabe* (em formas de dragão), de *suumitsuki*, de porcellana de *sage*, de porcellana de *morikin* (em forma de *koro*), de *iskminin*, de *saikio*, de *bishui*; pratos de *Kochi*; garrafas de *Owari* e um infinito de coisas que podem formar um *louvre mignon*! Parece que mandaram Tokio e seus arredores com o seu mundo industrial, com a sua febre de arte, com todo seu producto para a exposição do Fonseca. Em materia de bambú conta-se desde a originalidade do leque e do chapéo de sol até o que se pode exigir de mais indiferente ao uso commun!

Eu já li algures que o povo japonez como o povo chinez conta dois mil e quinhentos objectos fabricados do bambú; e de facto ali no *Mikado* está uma boa amestra! O *Mikado* merece ser visitado para que todos fiquem sabendo que as nossas linhas são palidas palavras do que é o que ali entre quatro paredes está, reprodução da grande colmeia do Japão.

* * *

A REVISTA DO NORTE. — Começa agora a nossa revista a ser publicada *quinzenalmente*, que é o mesmo que dizer, com mais espaço, com maior numero de páginas, com mais franquesa para os nossos collaboradores e com maior attenção para com o publico *leitor* que a applaude e que alimenta-lhe a vida por entre este indifferentismo que vae em tudo e por todos. Não altera porem, seus habitos... Somente a CHRONICA que apparece fará mais um acceipe gostoso aos seus assignantes.

* * *

LIVRO DA PORTA. — Fomos obsequiados com um cartão-convite do Club Carlos Gomes para assistirmos a sua ultima *soirée* de canto e dança. A primeira parte esteve magnifica, sobresahindo-se o distinto barythono Sr. Comoletti Giugelmo na *aria* do BARBIER DE SEVILHE, ocupando o segundo logar D. Anna Poggi que executou com expressão o trecho da *Serenata* da Schubert. A parte dançante está acima de todo elogio.

Registrarmos o apparecimento da REVISTA MENSAL da Sociedade União Piauhyense.

L. S.



Noite

A JOÃO CABRAL



Á foi se o dia alegre, o luxuoso dia
De paysagens azus, e a negra noite veio
N'uma funda tristesa e no silencio, fria,
Guardar o loiro sol nas trevas do seo seio.

E o tempo vae correndo, a noite vae em meio
E nem um astro só um terno olhar envia
Ao negro tempo triste, e máo, ruim e cheio
De frigido vapor e nuvem pesadia.

Assim tive em minh'alma um luxuoso dia
E o sol do meo amor de clara luz ardente
Os raios dardejando em louca phantasia;

Mas, veio a negra noite impetuosamente
Guardar o loiro sol. Silenciosa e fria
Ficou minh'alma então, do teu amor descrente.

THAUMATURGO VAZ.

Amizade
NUM ALBUM



omo a ave que apoz longa jornada
Vem candida poistar no doce ninho,
E traz de longes terras um raminho
— Anhelante, feliz e fatigada; —

Assim me vem a lyra, burilada
Dos aromas ideaes do rosmaninho,
Trazendo no trinar de um passarinho
Uma esplendida luz da madrugada !

E n'ella o ramo verde da amizade,
Sincera, cordeal e graciosa,
Como engaste de estrella luminoza !

E viva sempre aqui eternamente...
E quando não for mais ramo vidente
Conserve o brando aroma da Saudade !

LEONIDAS E SÁ.

RECETIFICAÇÃO



O numero 12 desta Revista leia-se :

A' pagina 192, linha 22 — estende-se — em vez de *estendendo-se*.

A' pagina seguinte, ultima linha — cantaram — em vez de *cantavam*.

A' pagina 194, linha 30 — intuição — em lugar de *instituição*.
Na immediata, linha 32 — ameníssimo — em vez de *amenismo*

Silva Jardim



conhecida hoje de todos a morte desastrosa do Dr. Antonio da Silva Jardim, o denodado corypheu dos republicanos intransigentes.

A *Revista do Norte*, acompanhando o sentimento da Patria inteira, veste-se tambem de lucto e vem trazer a sincera homenagem de sua dor ao illustre morto.

Nascido a 18 de Agosto de 1860 e formado, pela Academia de S. Paulo, em 1882, não havia ainda Silva Jardim completado trinta e um annos de idade e já havia trabalhado mais pela Republica, pela Patria, do que quantos elle encontrou consagrados chefes ao assomar intrepido no terreno da lucta.

Passou rapido como um meteóro, illuminando as consciencias, despertando as energias, apavorando as hostes monarchicas. Mas o sulco de sua passagem não se esvairá como o rastilho ephemero do meteóro, na atmosphera, porque foi o mais valente propagandista da Republica, o mais audaz e o mais intelligente de nossos agitadores politicos e porque foi o factor poderoso de nossa evolução politica.

Encarado por este aspecto, foi um verdadeiro heróe.

Porem havia em sua individualidade um outro lado que, embora não igualmente radioso, era com tudo revelador da grande pujança de seu talento. Falamos de Silva Jardim como litterato

Não querendo dar a estas linhas a extensão de um estudo, limitar-nos-emos a indicar o titulo de algumas de suas producções litterarias, talvez menos conhecidas que seus pamphletos politicos :

Em 1878 — *Idéas de Moço* em collaboração com Valentim Magalhães;

Em 1879 — *A Gente do Mosteiro*.

Em 1880 — *A critica de escadas a baixo*.

A esses trabalhos devem-se accrescentar os folhetins na *Tribuna Liberal* de S. Paulo, *Os programas de ensino*, a *Reforma do ensino da lingua materna* e quando ainda creança, podemos dizer, os escritos publicados no *Labarum litterarium*, no *Echo Litterario* e na *Nova Aurora*.
